

Outros mundos: perversão no planisfério político

Preve, Ana Maria Hoepers; Rechia, Karen Christine

Veröffentlichungsversion / Published Version

Zeitschriftenartikel / journal article

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Preve, A. M. H., & Rechia, K. C. (2010). Outros mundos: perversão no planisfério político. *ETD - Educação Temática Digital*, 11(2), 146-164. <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-119276>

Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer Free Digital Peer Publishing Licence zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den DiPP-Lizenzen finden Sie hier:
<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

Terms of use:

This document is made available under a Free Digital Peer Publishing Licence. For more information see:
<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

Outros mundos: perversão no planisfério político

*Ana Maria Hoepers Preve
Karen Christine Rechia*

RESUMO

O exercício é perverter o mundo para fazer aparecer os outros do mesmo mundo. Esta é a força das duas experiências relatadas no trabalho com os planisférios políticos. Uma delas diz respeito a um curso de formação continuada para professores de História e Geografia da rede municipal de Sombrio/SC e a outra ao grupo de internos do hospital de custódia e tratamento psiquiátrico em Florianópolis/SC (HCTP). No exercício proposto distribuimos às pessoas um planisfério político e pedimos que *pervertessem* o mundo. O presente texto aponta, além da noção de *perversão* para as noções de *experiência* em educação, como articuladoras de mais um princípio reflexivo no campo das imagens, neste caso as imagens da geografia. Nosso intuito com este trabalho foi o de apresentar as imagens e estabelecer com elas uma conversa problematizadora acerca da informação adquirida sobre o mundo. Tratamos do exercício com os dois grupos não numa relação valorativa, mas no sentido de identificar o que os atravessa, os constitui e os faz diferentes.

PALAVRAS-CHAVE

Perversões; Planisfério; Educação; Geografia; Experiência

Other worlds: perversion in the political planispheres

ABSTRACT

The exercise is to pervert the world to bring up the others in the same world. This is the strength of the two experiments reported in working with the political planispheres. One concerns a continuing education course for teachers of history and geography of the municipal Sombrio / SC and another group of other one a group of internal ones of the hospital of custody and psychiatric treatment in Florianópolis / SC (HCTP). In the proposed service we distribute to the persons a political planisphere and ask to pervert the world. This text points out, beyond the notion of perversion for the notions of experience in education, how to articulate a principle more reflexive beginning in the field of the image, in this case the images of geography. Our aim with this study was to present the images and establish a conversation with them about the problem-information acquired about the world. Try the exercise with the two groups in relation evaluative, but to identify what goes through the forms and make them different.

KEYWORDS

Perversions; Planisphere; Education; Geography; Experience

PERVERSÕES I

Inverter o mapa, mudar o mundo, perverter a forma mundo do planisfério e, com isso, abalar o pensamento espacial que a imagem do planisfério configura, criando possibilidades para outros olhares e pensamentos sobre o mundo. Abalar as referências fixas do mapa-mundo dando chances a uma experimentação espacial antes da conformação do pensamento às informações até então disponíveis. Tais informações não são desnecessárias, mas em alguma medida redutoras e/ou limitadoras de significados.

A imagem é o que se coloca entre nós e a experiência das coisas, neste caso é uma imagem do mundo apresentada por um saber específico que é o da cartografia geográfica. Com tal imagem e seus símbolos passamos a produzir discursos com efeitos de verdade e a usá-los indiscriminadamente nas aulas de geografia e fora dela. O mundo, nas aulas de geografia, se dá no plano da imagem do mapa-múndi sem se dar na vasta extensão de possibilidades que derivam dele a partir de relatos de viagens, notícias de TV, relatos fantásticos, brincadeiras e, sobretudo, de imaginações... O mundo é uma imensidão de formas, de percursos, de discursos, é espaço de invenção. Todavia, a forma mapa-mundo, impregnada em cada um de nós por anos de contato com livros de geografia, funciona como impeditivo de invenções, reinando como imagem hegemônica. Ao que parece, sobre ela não há nada fazer, nada a arranhar, a rasgar, a dobrar, a dizer, apenas conservar formas, manter discursos, repetir idéias.

Questões como essas guiaram uma proposta a um grupo de professores e não professores suscitando inquietações que trazemos à tona neste trabalho. A idéia era de realizar uma atividade que provocasse um estranhamento acerca do planisfério político, num curso de formação continuada para professores de História e Geografia da Rede Municipal de Sombrio/SC.



Tal formação continuada nos foi proposta com o objetivo de discutirmos os conteúdos das duas áreas de conhecimento. Sugerimos que os encontros fossem em conjunto numa perspectiva de experimentar ao mesmo tempo temas da Geografia e História; repensar os tempos escolares para os conteúdos destas áreas de conhecimento percebendo estes, como listas infinitas de seqüências quase inabaláveis a serem seguidas.

A cada encontro com os professores dávamos continuidade ao trabalho com alguns exercícios que propiciassem ou instigassem um debate acerca de temas canônicos das duas áreas de conhecimento, no que diz respeito às perspectivas apontadas acima. Foi neste movimento que surgiu a idéia de utilizarmos o planisfério político.¹ Distribuimos o planisfério do IBGE e solicitamos que, ao seu modo de compreensão, pervertessem o mundo. Se a idéia inicial era a de realizar uma atividade que provocasse um estranhamento acerca desta imagem – que ainda tem sido a mais usual representação geográfica do mundo, com base na forma clássica do mapa ocidental moderno – como poderíamos fazer para que este, ou ao menos sua imagem canônica, se tornasse outra? A atividade passa a nos chamar a atenção, adquirindo um significado para além do que havíamos pensado, diante das manifestações dos professores sobre a dificuldade em pervertê-lo.

Na realidade havíamos escolhido este verbo que, na maioria das vezes, está associado ao sentido de *tornar perverso ou mau; corromper, depravar, desmoralizar*. No entanto, queríamos nos apropriar também de outro sentido, neste caso, o de *alterar, transtornar*. Passamos a discutir a respeito do termo *perverter*, e da oportunidade de perverter o sentido de mundo dado pelo mapa.

¹ O exercício em questão inspirou-se numa matéria intitulada *O melhor dos mundos*, que, por sua vez, tinha como intuito reforçar nas pessoas o papel de transformar a sociedade, com ênfase no terceiro setor, por meio do trabalho voluntário. A reportagem mostrava alguns planisférios modificados pelas pessoas envolvidas, com suas explicações. Destacamos que tal reportagem já havia sido utilizada nas aulas de Metodologia do Ensino de História e Geografia, no curso de Pedagogia da Unisul, pela professora Karen Christine Rechia, porém com fins ilustrativos. De posse da matéria usamos com outros interesses, apoiadas apenas na sua estratégia metodológica. No entanto, decidimos agregar a esta intervenção, não uma noção de *mudança*, mas de *perversão*.

Encaminhada a proposta após a distribuição dos planisférios ficamos surpresas com a imobilização dos professores. Em silêncio os professores olhavam para os planisférios como se não tivessem nada pra fazer ali. Essa dificuldade em entender a proposta pode ser traduzida pelas várias perguntas que nos fizeram: “*Vocês precisam nos dizer alguma coisa a mais do que é que vocês querem que a gente faça.*” “*Como assim?*” “*Perverter?*” “*Eu não entendi.*” “*O que que é para usar?*” “*O que é que pode fazer?*”

Diante do impasse que ainda permanecia, apresentamos uma cópia da obra do artista Torres García², que mostra a América do Sul invertida. Esta imagem foi motivadora – apesar de não ser nossa intenção inicial – dos movimentos seguintes. As dúvidas, que até então imobilizavam os professores passaram a dar lugar a movimentos de compreensão e de invenção de respostas. Surge uma nova configuração espacial na sala de aula e a relação dos professores passa a ser diretamente com esses mapas, neles marcando suas idéias de outro mundo, de mudar o mundo.

A intervenção por parte dos professores de Geografia e História encaminhou-se, fundamentalmente a uma perspectiva de mudança do mundo, de transformação no sentido de progresso. Algumas composições estavam carregadas dos discursos referentes aos problemas sócio-ambientais, outras das noções de subdesenvolvimento e mantinham sempre as linhas territoriais do planisfério. Ou seja, território associado à divisão político-administrativa. As composições conectavam-se às noções tradicionais da Geografia escolar de um lado e, de outro, mostravam um discurso geográfico e ambiental proferido pelos meios de comunicação de massa na sociedade contemporânea.

²Joaquín Torres García nasceu em Montevideu no Uruguai, em 1874. Foi pintor, escultor, escritor e professor. Em 1943, cria o Ateliê Torres García, cujo objetivo era o de instruir jovens artistas nas técnicas e teorias construtivistas. O ateliê terá uma influência direta no desenvolvimento da arte latino-americana do pós-guerra, como no grupo neo-construtivista brasileiro que incluiu artistas como Hélio Oiticica, Lígia Clark e Lígia Pape. Morre em Montevideu, em 1949. A referida obra chama-se *América Invertida* (1943). Sobre ela o artista comentou: “Pomos o mapa de cabeça pra baixo e então temos a justa idéia da nossa posição, e não como quer o resto do mundo”; “Em realidade nosso norte é o Sul, não deve existir mais norte para nós, senão como oposição ao sul.”; “A ponta da América, desde agora, prolongando-se, assinala insistentemente ao Sul, nosso norte”, conclui o artista. Disponível em http://www.girafamania.com.br/artistas/personalidade_vitor.htm. Acesso em fev/2009.

É importante destacarmos algumas imagens das composições e suas explicações, para adensarmos esta idéia:



“O mundo não se muda, ele muda sozinho”

O mapa acima foi recortado, mantendo a mesma disposição do planisfério. Nada foi grafado sobre ele pois, segundo o professor, formado em Filosofia, *o mundo não se muda* – disse num tom altivo – *os homens é que devem mudar* e isso significa não jogar lixo na rua, educar os filhos etc.

No verso da folha desenha um boneco esquemático que representa o homem e reafirma as palavras proferidas. Não contente com sua explicação, segue: *é mais fácil mudar o homem do que o mundo*. Acompanhando o material, um par de óculos confeccionado em papel celofane verde : *estas são as lentes para os educandos enxergarem o mundo* – completa o professor.



“O mundo e suas faces, encontros e desencontros”.

Com este título a professora enfatiza que, apesar das diferenças culturais, deve haver uma busca por parte das pessoas de certos valores que ela considera universais: *É preciso mais paz, encontro, harmonização*. Os nomes em inglês, espalhados sobre o mapa remetem à aculturação, pois boa parte da explicação versou sobre uma idéia de “raízes”, de identidade. Neste caminho, de acordo com a professora, não necessitamos de pontos cardeais, mas de pontos de referência. Por fim, a rede violeta sobreposta ao mapa significa que *somos um só povo*.



Os corações simbolizam o amor no mundo: *Precisamos de mais amor e humildade.* A professora fez uma performance usando um par de luvas vermelhas nas mãos para simular uma idéia de calor humano. Com tais luvas acaricia o planisfério. Suas palavras claras e diretas afirmavam que o que falta ao mundo para que ele mude é carinho portanto, insiste, *devemos tratá-lo com mais carinho.*



A professora da imagem acima colou o planisfério num papel maior. À direita, no canto inferior, cola um pano vermelho e chama de *bolsa mágica*, cuja função é a de ser um *distribuidor de soluções*. O vermelho foi escolhido por ser, na sua opinião, a cor da concretização. Os elásticos que saem da bolsa representam as tecnologias, as vontades



políticas e cuja elasticidade propicia o alcance de todos os lugares do mundo. No diálogo, a professora fez questão de enfatizar que os elásticos não tinham cunho assistencialista.

O mundo, por sua vez, representado pela cor lilás, remete ao amor, a harmonia e a paz. A professora, na verdade, deu uma exaustiva aula de História e Geografia enquanto apresentava sua composição.

São mapas coloridos, com texturas diferentes, alterados pelas colagens e adereços e nos mostram a diversidade das composições. As explicações, provenientes do segundo momento do exercício, reforçam um pensamento da área de conhecimento. Um dos professores, ao mostrar seu planisfério alterado diz: *Os países desenvolvidos apresentam mais resistências às mudanças, já os subdesenvolvidos são menos resistentes*. Professores de História e Geografia preocupados em garantir, nas suas explicações, um domínio da área de conhecimento. Ao perverter a imagem conservam os discursos dos saberes específicos relativos aquele campo de conhecimento.

As falas explicativas e, por sua vez conservativas, caminharam no sentido de nos dizer o quanto dominam de conhecimento geográfico escolar. Perverter, neste caso, associa-se a curar o mundo, a melhorá-lo. Tais argumentos ligam-se a uma produção discursiva que atravessa o nosso presente e que se materializa nas propagandas, nos programas educativos, nas cartilhas, nas novelas e, sobretudo, na escola.

Portanto, o que nos causa surpresa é a dificuldade em percorrer esses mapas pervertendo-os e não a quantidade de coisas que sabem dizer a respeito do mundo. O exercício não pretendia lidar com domínio de conhecimento de área e, no entanto, este ficou evidenciado pelas explicações, atravessadas por sua vez, por outros discursos.

São falas e discursos proferidos sem diferenciação, sem elaboração própria. O que se percebe é que não são os professores que falam, eles portam um discurso de área. A fala dos professores é a fala do presente, das grandes campanhas para mudar o mundo. Nosso trabalho ficou aderido a esses clichês: a globalização está em todo o mundo, o problema da África é a fome e a AIDS e para isso oferecem ajuda através de ações humanitárias de



distribuição de alimentos e preservativos; se outra parte do mundo sofre com a guerra o que temos que fazer é acabar com a guerra, que o mal do mundo são os Estados Unidos e por aí seguem com suas listas infundáveis de problemas e soluções.

Essas constatações se juntam ao que Doreen Massey (2008, p.23-24) apresenta nas primeiras páginas do seu livro *Pelo Espaço* em relação ao que chama de *única narrativa* sobre o espaço:

Em 1988 o próprio Bill Clinton declarou que “nós” já não podemos mais resistir às atuais forças da globalização, como não podemos resistir à lei da gravidade. (...) O que declarações como as de Clinton estão fazendo é tentar nos persuadir de que não há alternativa. Essa não é uma descrição do mundo como ele é, mas uma imagem através da qual o mundo está sendo feito.

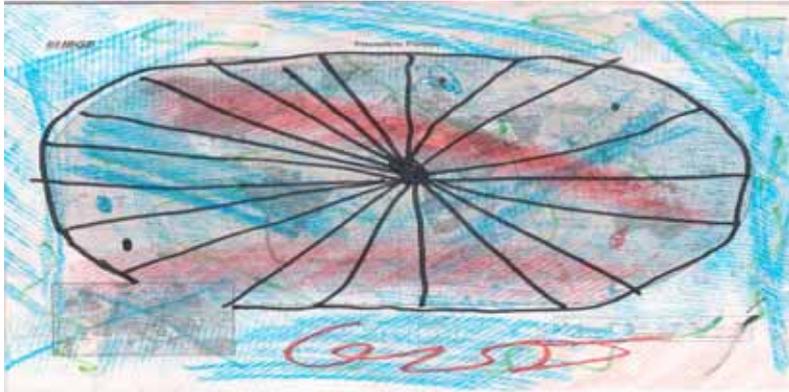
A autora segue falando da cosmologia da *única narrativa* e diz que esta “oblitera as multiplicidades, as heterogeneidades contemporâneas do espaço. Reduz coexistências simultâneas a um lugar fixo na história” (2008, p. 24). As *únicas narrativas* transformam-se em clichês repetidos por todos para dar conta da proliferação da imagem do mundo que se quer. Nestas composições mudam-se as formas do mundo, mas não nos livramos dos clichês.

PERVERSÕES II

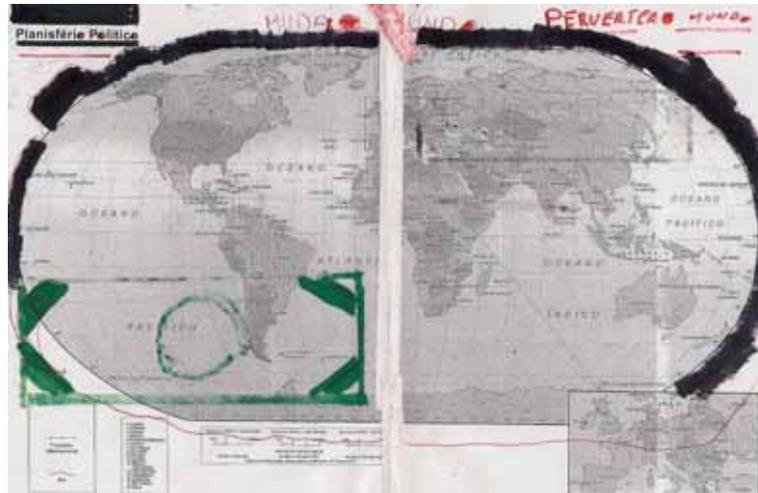
Propomos o mesmo exercício a um pequeno grupo de pacientes-internos do Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico em Florianópolis/SC (HCTP). Este grupo situa-se aqui por fazer parte de uma de nossas pesquisas de doutorado. O grupo é marcado pela condição singular de reclusão pela prisão e pelo uso de medicamentos para o controle das chamadas doenças mentais. O exercício ocorreu durante o trabalho nas oficinas intituladas *Geografias Intensivas*.³ Uma conversa inicial a respeito da proposta de perverter o mundo e lápis coloridos para a sua efetuação no papel foram os comandos para que o exercício pudesse começar. Há ritmos de produção muito diferentes no grupo, há aqueles que se debruçam sobre o papel para fazer com perfeição uma idéia virar realidade; outros parecem ter idéias armazenadas sempre disponíveis, porque imediatamente preenchem o papel; e há ainda outros

³ Atualmente este trabalho com os internos compõe a pesquisa da tese de doutorado de Ana Maria Hoepers Preve em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação na Faculdade de Educação/UNICAMP.

que querem entender a proposta do exercício e o sentido da palavra *perversão*. Todavia, sem qualquer hesitação debruçam-se sobre os planisférios.

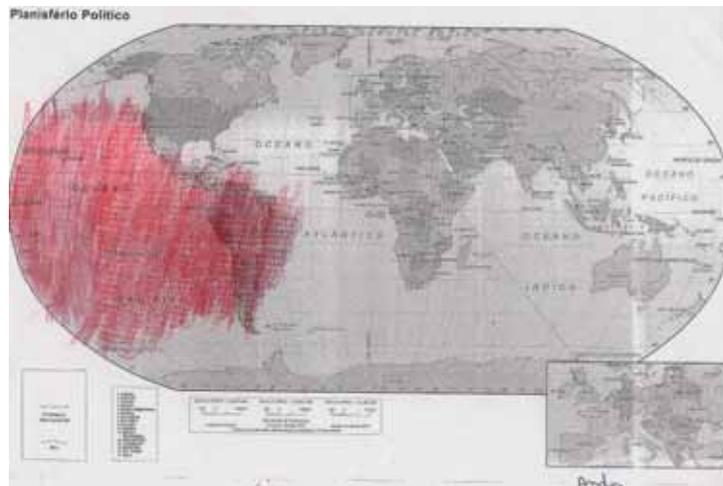


Tudo que está dentro da esfera é terra e por fora água doce. Esses riscos são o carro de fogo que leva em direção ao mundo. Eu tou no centro da terra. Os carros de fogo levam a palavra de Deus e a salvação, mas isso para quem quer, né? O nome disso é estrela dalva. Esse desenho é assim, ó: as linhas são as divisas do meu momentâneo. O teu momentâneo tem divisas? O momentâneo são as coisas que a pessoa passa durante o dia, a noite, a madrugada, a manhã... entre essas linhas tem preocupação. 20 linhas. 20 passagens. Perversão é o meu mundo. Isso daí é tipo o meu cérebro. Eu sou um mundo. O meu mundo, isso aí, é do tamanho de marte e ta dentro do infinito.



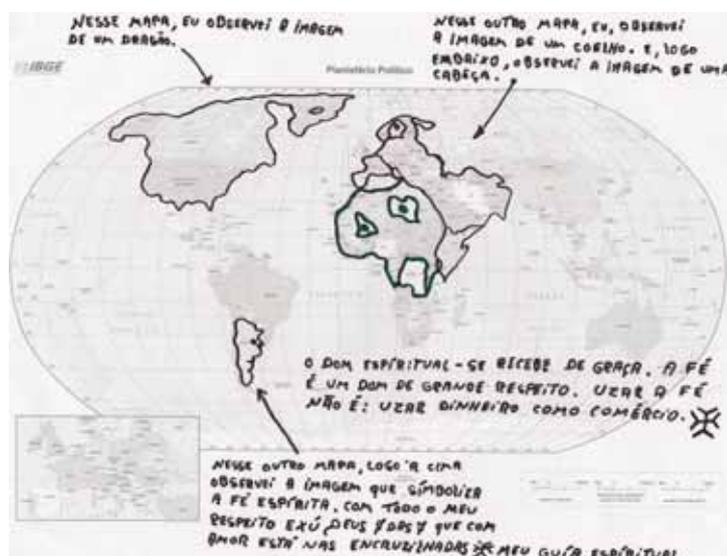
Perverter é não tirar da real forma pervertida do real. Para não tirar da forma irreal. Para mudar preciso dar uma injeção no mundo. A injeção vai perverter o mundo, o nome da injeção é Versubar. Vai formar outra coisa com a injeção. Isso é perverter.

O paciente que propõe a injeção recorta o planisfério, insinua jogá-lo no lixo, enrolar um cigarro e, por fim, acaba juntando as duas partes e diz que *isso tudo está errado e o que vivemos é a grande perversão.*



O vermelho é a minha cor. O vermelho aqui no mapa é uma bomba que anda em direção ao Brasil. Booll estourou o Brasil! Estourar é mudar tudo. Eu tampei o Brasil e tou com a bomba. A bomba é vermelha. Vermelho é a minha cor predileta. Perverter é acabar com a guerra.

Numa outra composição nada foi feito sobre o traçado do planisfério, apenas a inscrição pairava silenciosa: *pra mudar o mundo é preciso queimar todos os terroristas.* Outro interno que também não desenhou, olhou atentamente para o planisfério e disse: *perverter é ficar de pé. O mundo tem que ficar de pé. O mundo tá embolado.*



Acima, o paciente abusa de outras imagens. Não consegue olhar para o planisfério sem vê-las. Países e continentes são outra coisa, um dragão, um coelho, uma cabeça, a fé espírita. E ele nos pergunta: *vocês não estão vendo isso?* Percepções espaciais que não passam pelos sentidos da geografia que se produz no âmbito acadêmico e na Geografia Escolar, mas que nos convocam a pensar – no espaço que abrem no planisfério – numa outra geografia.

Essas marcas no planisfério subtraem a força universal que os mapas possuem, retiram seus marcadores de comunicação, deixando o campo livre para serem lidos de outro modo. Deixam de portar informação. E informação é o que tem o poder de comunicar. Como precisamente já destacou Larrosa (2002, p.22), a detenção de informações sobre algo ou alguma coisa não assegura que algo nos suceda, nos toque de alguma forma nesta experiência. Aliás, para este autor, no processamento das informações, a própria experiência não acontece, dessa forma podemos ter informações e a partir delas opiniões formadas – como observa-se notadamente no caso dos professores – sem no entanto sermos atravessados por um *aprender com*, por exemplo. Talvez os internos do HCTP, justamente por não terem que se expressar através do par *informar/opinar* nos provoquem mais inquietude com suas produções.

Tomando as expressões de Peter Pál Pelbart (2000, p. 46) no artigo *Cidade, lugar do possível*, talvez possamos aproximar a idéia de planisfério político a definição de forma-Estado que tende a totalização, a interioridade, a redundância, ao fechamento e, por outro lado, a noção de perversão à forma-cidade que pode ser delineada pela exterioridade, os fluxos, o escape, a dispersão.

Dessa forma, os planisférios políticos são reconhecidos enquanto tal no encontro com qualquer um de nós, já estes, provenientes do exercício – os planisférios perversos – perdem o seu poder comunicante. E então nos exigem um tempo maior de observação. Novos mapas. Mapas perversos, inventados por forjadores de pluriversos, de multimundos, conforme Pelbart (2000, p.48) tais forjadores estão “sempre recriando espaços lisos, reinventando singularidades de espaço-tempo, reabrindo em nosso cérebro e na cidade, as passagens, os sulcos, seus escapes, suas novas conexões”.

EDUCAÇÃO: PENSAR COM O NOVO

Educação é um termo bastante amplo no mundo contemporâneo podendo significar as inúmeras possibilidades de alguém aprender alguma coisa quer seja na escola ou fora dela. Aprender é a palavra forte da educação. Nesse sentido as muitas situações envolvidas na relação de aprender – pessoas, objetos, saberes,... – tornam-se outras pelo processo educativo que as envolve. Tornar-se, tem a ver com uma sutil mudança que sofremos quando olhamos alguma coisa diferentemente do que vínhamos fazendo até então, portanto educação tem a ver com afetar e ser afetado.

Mas tornar-se não tem por sentido durar para sempre. Tornar-se é questão de *instantes*. O *instante* da experiência. Por aí passa, para nós, uma importante noção de educação relacionada à noção de experiência em Jorge Larrosa (2002, p.21):

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. (...) Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara.

Partindo destas reflexões, o presente texto apresentou estes *instantes*, possibilitados por um exercício, uma ação proposta cujo foco era o planisfério e a possibilidade de torná-lo outro na relação com os professores de História e Geografia e com internos do Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico, para que sejam apreciados e problematizados.

Uma noção escolar de mapa chega às pessoas pelos atlas, pela televisão, pela internet, pelos livros didáticos configurando uma imagem de geografia como mapa. Oliveira Jr. (2005) ao mencionar a educação escolar calcada na oralidade “meramente falante” diz que os alunos são pouco ouvidos em relação às imagens:

Em grande medida isso se dá porque os alunos “descobrem” coisas sozinhos nas imagens, uma vez que sua leitura é feita tomando a realidade visual como referência. O conhecimento elaborado a partir da convivência com as imagens não passa pelas palavras e confirmações do professor, mas pelas memórias visuais que cada um de nós vai constituindo ao longo das experiências corporais no mundo.

Sobre o modo como nossa sociedade imprime imagens no pensamento, uma certa educação visual nos faz associar a geografia, ou a quase totalidade da sua compreensão, aos mapas. O mesmo autor, no texto “Apontamentos sobre a educação visual dos mapas” (2009) considera que os mapas que conhecemos através da geografia escolar,

(...) fazem parte da ficção que o Estado cria, dos discursos de verdade que circulam entre nós. Eles, os mapas, estão a nos educar o pensamento por meio da educação dos olhos para esta ficção, uma educação que nos leva a memorizar as fronteiras políticas como a única maneira de nos movimentarmos – encontrarmos os lugares, referenciá-los, relacioná-los uns aos outros – nas obras cartográficas. Isto se dá de maneira muito mais forte nos mapas voltados aos escolares que nos mapas voltados aos profissionais. Uma evidente política de criação de uma memória pública.

Neste viés, percebemos que a noção de forma-Estado está eficazmente presente na idéia dos professores de “perversão” do mapa. A intervenção por parte dos professores de Geografia e História encaminhou-se com maior ênfase a um pensamento sobre os problemas socioambientais da Terra. As perversões foram ao encontro de saídas para o mundo: como sair da crise, da guerra, da miséria, da falta de paz, das divisões polarizadas entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos, dos preconceitos. No entanto, foi por meio destas composições que certas questões emergiram e tomaram forma em nosso trabalho. Neste exercício fazer alguma coisa para mudar o mundo restringiu-se, na maior parte das vezes, a repetir slogans como: *mudar o mundo é possível, é preciso que cada um faça sua parte.*

Nosso texto apontou para noções de *perversão e experiência*, como articuladoras de mais um princípio reflexivo no campo das imagens, aqui especialmente das imagens da Geografia. Nosso intuito, entre outros, foi o de arrastar o conceito de mundo para algo de dimensões menores, que escape as visões dominantes que dele se tem para pensar outros mundos dentro do mundo, como por exemplo, as experiências subjacentes às informações sobre o espaço.

Ou a maneira de Doreen Massey (2008), ao falar do espaço num jogo de simultaneidades dinâmicas, determinado por novas relações, dessa forma sempre inacabado. O sentido de sempre para a autora remete àquilo que está em curso, aos resultados imprevisíveis, as conexões por fazer – mas nunca plenamente estabelecidas – no qual cada lugar está irremediavelmente associado a outro e, dessa forma, também as suas inter-relações. Portanto, perverter é alterar não só o planisfério político, mas nossa própria noção de geografia e transbordá-la de outros sentidos.

Precisamos nos deslocar e olhar esses novos mapas. E o novo, aponta para o desconhecido, como definiu esta criança:

Onde está o novo? Perguntou a professora. Vítor respondeu: está lá no silêncio. No invisível, disse um outro menino. Como ele se parece? Perguntou a professora. Toda a sala riu e um dos meninos disse: ô professora, o novo não se parece com nada. Se ele parecesse com alguma coisa a gente já ia saber antes, né? Ele é outra coisa daquilo que parece. A gente sente e aí, né, acontece. (GODOY, 2007, no prelo).

A preocupação com proposições do tipo *mudar o mundo é preciso*, encontra-se também na preparação dos professores nos cursos de formação, tal que a fala de cada professor porta uma fala de conjunto, consolidada por um pensamento de área e é nesse sentido que dizemos que o professor está imobilizado. Não se quer com isso dizer que as produções dos internos do HCTP são mais relevantes que as do grupo de professores, mas sim perceber o que emerge destes dois espaços.

No nosso contato com a produção dos internos do HCTP foi preciso encontrar um modo de entrar nas respostas, compreender que há uma geografia ali, engendrada naquelas composições, espécies de geografias *fora dos eixos*. Os internos nos dão novos elementos – nem bons, nem ruins – nos colocam questões, não nos aquietam, desacomodam-nos no pensamento, ou talvez propiciem a construção de outro pensamento.

Ao mesmo tempo em que, ao observarmos o pensamento de área no trabalho com os professores sabemos que este não “nasce” com eles, mas que, por sua vez aponta para um modelo de formação que favorece uma imagem de geografia que acaba sendo reducionista e não produtora de pensamento. Não queremos com isso afirmar, como já dissemos acima, a supremacia de uns sobre os outros, mas que o repertório dos professores, por exemplo, denota a posse e a detenção de informações que lhes permite aferir ou até mesmo conservar o status de legitimidade de certos saberes – escolares e/ou midiáticos - que por certo não são os saberes da experiência, como a entende Larrosa (2002, p.24). Assim como o sujeito moderno é informado e opinativo, mas dificilmente se constitui como o sujeito da experiência. Se assim o fosse, talvez tivesse mais perguntas e menos respostas, enunciaria menos clichês, abalaria mais as estruturas, pois ele mesmo não se manteria de pé.

REFERÊNCIAS

BINDO, M. O melhor dos mundos, pé no chão: voluntariado. **Vida Simples**, n.esp. , [s.d.].

GODOY, A. **Educação e experimentação** [ou como entrar nas palavras, nas cores, nos sons ou nas pedras]. São Paulo, 2007. (no prelo).

LARROSA, J. Nota sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, jan./abr., n.19, 2002.

MASSEY, D. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2008.

OLIVEIRA JUNIOR, W. M. Apontamentos sobre a educação visual dos mapas: a (des) natureza da idéia de representação. In: COLÓQUIO DE CARTOGRAFIA PARA CRIANÇAS E ESCOLARES, 6., 2009, Juiz de Fora. **Anais...** Juiz de Fora : UFJF, 2009. Apresentado também: In: FÓRUM LATINO AMERICANO DE CARTOGRAFIA PARA ESCOLARES, 2., 2009, Juiz de Fora. **Anais...** Juiz de Fora: UFJF, 2009.

_____. **A produção da escuta a partir de imagens**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA., 8., 2005, Dourado. **Anais...** Dourado: [s.n.], 2005. p. 1-25.



PELBART, P. P. Cidade, lugar do possível. In: _____. **A vertigem por um fio:** políticas da subjetividade contemporânea. São Paulo, SP: Iluminuras, 2000.

Ana Maria Hoepers Preve

Professora da Universidade do Estado
de Santa Catarina – UDESC;
Doutoranda em Educação
FE/UNICAMP
anamariapreve@linhalivre.net

Karen Christine Rechia

Doutoranda em Educação FE/UNICAMP
krechia@gmail.com

Recebido e revisado pelo orgaizador em: 11/05/10
Publicado em: 17/06/10